



TEATRO  
NACIONAL  
S. JOAO

TEATRO CARLOS ALBERTO  
19—22 JAN 2023

# Vida de Artistas de Noël Coward

encenação

## Jorge Silva Melo

### “FRÍVOLO? OU REALMENTE PROFUNDO?”

JORGE SILVA MELO

Noël Coward escreve *Vida de Artistas* para cumprir um pacto celebrado onze anos antes entre o próprio e os seus dois amigos, Alfred Lunt e Lynn Fontanne. “Os Lunt”, como eram conhecidos, tornaram-se o mais celebrado casal do teatro na América mas, em 1921, quando Coward os visitou em Nova Iorque, estavam a começar a viver num alojamento barato para actores em dificuldades. Coward também ainda era relativamente desconhecido, mas partilhava com Lunt e Fontanne uma fome por fama e sucesso. A produção estreou na Broadway em 1933 e depois em Inglaterra, com imediato sucesso crítico e comercial,

qui+sáb—19:00  
sex—21:00  
dom—16:00

tradução  
**José Maria  
Vieira Mendes**  
cenografia e figurinos  
**Rita Lopes Alves**

desenho de som  
**André Pires**

desenho de luz  
**Pedro Domingos**

coordenação técnica  
**João Chicó**

assistência de  
encenação  
**Nuno Gonçalo  
Rodrigues  
António Simão**

interpretação  
**Américo Silva  
Ana Amaral  
Antónia Terrinha  
Jefferson Oliveira  
Nuno Pardal  
Pedro Caeiro  
Pedro Cruzeiro  
Raquel Montenegro  
Rita Brütt  
Tiago Matias**  
coprodução  
**Artistas Unidos  
São Luiz Teatro Municipal  
Teatro Nacional São João**

estreia 23 Mar 2022  
São Luiz Teatro Municipal  
(Lisboa)

dur. aprox. 2:00  
M/12 anos

apesar das suas personagens amorais e da proclamada bissexualidade. Dela disse Coward: “Gostaram e detestaram, odiaram e admiraram, não sei se realmente a amaram. São criaturas superficiais, sobrearticuladas e amorais movidas pelo impacto das suas personalidades umas sobre as outras, são traças à volta da luz, incapazes de tolerar a escuridão solitária e igualmente incapazes de partilhar a luz sem colidirem constantemente, ferindo as asas umas das outras.”

Ah, como eu gosto de Noël Coward. Como quem “não quer a coisa”, com um brilho único, anda connosco há quase um século, despistando, contrariando ideias feitas, na curva da História. Frívolo? Ou realmente profundo? Fantasista ou realmente realista? Olha: teatral, apostado.

*Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.*

## SIR NOËL PEIRCE COWARD (1899-1973)

Encenador, compositor, cantor, autor de mais de cinquenta peças de teatro, quadros de revista, centenas de canções, argumentos para filmes, contos, um romance, uma autobiografia, nasceu num subúrbio de Londres e estreou-se como ator profissional aos 11 anos. A sua carreira estendeu-se por seis décadas, sendo, nos anos 20 e 30, um dos autores mais representados no mundo anglo-saxónico. Foi em 1924, com *The Vortex*, que obteve o seu primeiro grande sucesso – que começou por ser um sucesso de escândalo. A peça, estreada num pequeno teatro, passou rapidamente para os teatros do centro de Londres e foi apresentada na Broadway onde, durante décadas, se sucederam os seus trabalhos como ator ou autor. Desse mesmo ano é *Hay Fever*, a sua primeira grande peça, onde se afirma mestre de um estilo sofisticado, aparentemente superficial, cheio de malícia. Em 1925, quatro peças suas estavam em cena em simultâneo no West End de Londres. Em 1931, escreve e dirige no Drury Lane a epopeia *Cavalcade*, com um elenco gigantesco, enormes meios técnicos e cenários faustosos. A versão cinematográfica (1933), dirigida por Frank Lloyd, recebeu o Óscar de Melhor Filme. Imediatamente a seguir, estreia duas peças de pequeno elenco, por muitos consideradas as suas obras maiores, *Vidas Íntimas* (1930) e *Vida de Artistas* (1932), triunfais em Londres e Nova Iorque, imediatamente adaptadas ao cinema (por Sydney Franklyn e por Ernst Lubitsch, respetivamente), apesar dos problemas de censura que enfrentou esta última na Grã-Bretanha. Continuou a escrever comédias sofisticadas (*Conversation Piece*, para Yvonne Printemps, em 1933), um ambicioso ciclo de dez peças em um ato, *Tonight at 8:30* (1936), para a sua grande parceira Gertrude Lawrence. Uma destas peças, *Still Life*, foi

adaptada ao cinema por David Lean, em 1945, naquele que, durante décadas, foi considerado o melhor filme britânico, *Breve Encontro*. Com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial, Coward foi dirigir, em Paris, a propaganda britânica. E escreveu canções memoráveis de exortação patriótica, como *London Pride* e *Don't Let's Be Beastly to the Germans*. Mas o mais célebre dos seus projetos durante o conflito mundial foi a parceria com David Lean no drama sobre a Marinha (inspirado no seu amigo Lord Mountbatten), *In Which We Serve* (onde foi argumentista, ator, compositor e corealizador). A associação com Lean irá prosseguir com o filme que este realizou em 1945 a partir da peça *Blithe Spirit* (de 1941). A seguir à Segunda Guerra, Coward já não volta a encontrar o mesmo brilho, apesar do prestígio de produções como *Nude With Violin* (1956, com John Gielgud), *Look After Lulu!* (com Vivien Leigh, a partir de Feydeau, 1959), ou das suas aclamadas atuações no Café de Paris e em Las Vegas. O seu derradeiro êxito teatral foi *Suite in Three Keys* (1966), um canto de cisne cheio de amargura. Nesses anos, aumentaram as suas participações em filmes como *A Volta ao Mundo em 80 Dias* (1956), *O Nosso Agente em Havana*, de Carol Reed (1959), *Desapareceu Bunny Lake!* (1965), de Otto Preminger, ou *Boom!* (1968), de Joseph Losey. Morreu na sua casa na Jamaica (para onde fora residir por motivos fiscais) em 1973. A partir de finais dos anos 60, assistiu-se a um renascimento de Coward, a que ele, mordaz, chamou “a ressurreição do papá”. Célebre ficou a produção de *Blithe Spirit* dirigida por Harold Pinter no National Theatre de Londres (1976), que marcou a definitiva entrada de Coward no panteão dos grandes do teatro britânico, ao lado de Wilde, Congreve, Wycherley, Sheridan, Rattigan.

Eu amo-te.  
Tu amas-me.  
O Otto.  
Eu amo o Otto.  
O Otto ama-te.  
O Otto ama-me.



produção executiva

**Eunice Basto**

direção de palco

**Emanuel Pina**

adjunto do diretor de palco

**Filipe Silva**

direção de cena

**Cátia Esteves**

luz

**Filipe Pinheiro**

(coordenação), **Adão Gonçalves, Alexandre Vieira, José Rodrigues, Marcelo Ribeiro, Nuno Gonçalves**

maquinaria

**Filipe Silva** (coordenação), **António Quaresma, Joel Santos, Jorge Silva, Lídio Pontes, Nuno Guedes, Paulo Ferreira**

som

**Joel Azevedo** (coordenação), **António Bica**

APOIOS TNSJ

 **Castanheira**

 **pedras&pêssegos**

APOIOS À DIVULGAÇÃO

  
COMBOIOS DE PORTUGAL

 **Jornal de Notícias**  
(Grupo Mediahuis)

  **STCP**



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto  
Policia de Segurança Pública  
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Os **Artistas Unidos** são uma estrutura financiada pela

 **REPÚBLICA PORTUGUESA**  
CULTURA

 **dgARTES**  
DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Edição  
**Teatro Nacional São João**

fotografia  
**Jorge Gonçalves**

design gráfico  
**Pedro Nora**

impressão  
**Greca Artes Gráficas, Lda.**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

O TNSJ É MEMBRO

 **REPÚBLICA PORTUGUESA**  
CULTURA

 **UNIÃO TEATROS EUROPA**

**ARTISTAS UNIDOS**

 **SÃO LUIZ**  
TEATRO MUNICIPAL

 **EGEAC**

 **BPI**

 **Fundação "la Caixa"**

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO